

ABSTRACT: *Our aim in this paper is to show that sentences formed by “[focus]that ...” are not derived from clefts “[focus] is that...”, parallel to the distinction between the interrogative pair “Wh that...” and “Wh is that...” that was inquired by Mioto & Figueiredo Silva (1995) and supported by Mioto (1996).*

KEYWORDS: *[focus] is that; [focus] that; Wh is that; Wh that.*

0. Introdução O PB é rico em estratégias para focalizar constituintes e, estudar tal assunto na área da lingüística formal faz-se interessante na medida em que se passa a examinar como o foco, que é uma categoria pragmática/discursiva, interage com a sintaxe. Dentre as várias estratégias possíveis para a focalização, nos dedicaremos à clivagem, que gera sentenças sintaticamente designadas para focalizar.

A clivagem se caracteriza por um processo de divisão de uma oração simples em duas, transformando-a numa sentença complexa, de modo a destacar um constituinte como o foco¹ da sentença.² As sentenças clivadas do Português Brasileiro (PB) têm a forma [ser + XP + que [IP ec...]] – “Foi [F o João] que comeu o bolo.” – ou [XP + ser + que [IP ec...]] – “[F O João] foi que comeu o bolo.”, sendo XP = foco. Segundo Kiss (1998), elas são a realização de uma projeção funcional chamada *Focus Phrase* (na periferia esquerda da sentença matriz (para a invertida) ou da encaixada (para a canônica)), em cujo especificador alojar-se-á o constituinte clivado. Este constituinte, que porta uma interpretação [+exaustiva] e/ou [+contrastiva], dado que sofre movimento, corresponde a uma função gramatical interna ao IP encaixado e, necessariamente, é retomado por uma categoria vazia (ec).

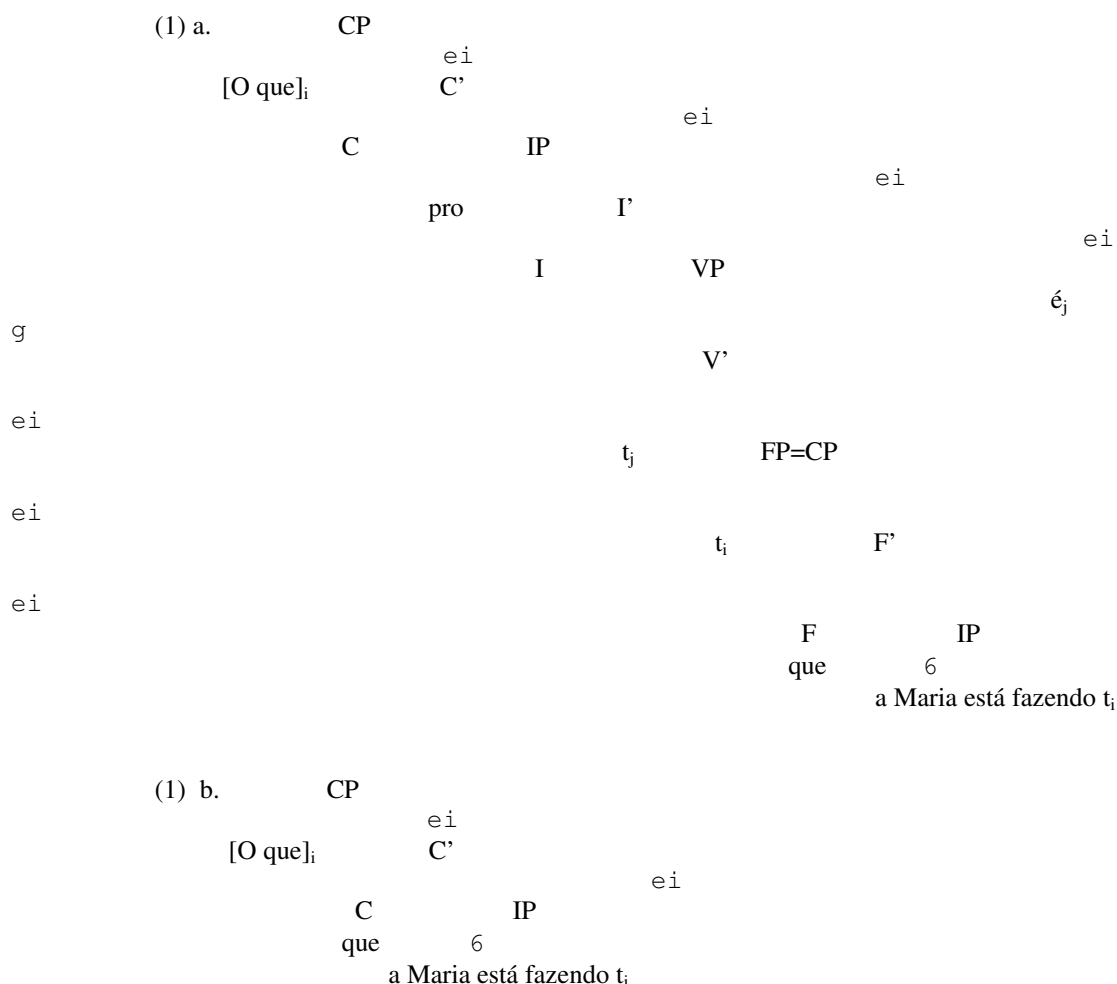
Neste artigo será defendido que sentenças sob a forma “[foco] que...” não são derivadas (por apagamento da cópula) das clivadas “[foco] é que...”, sendo, portanto, sentenças distintas. Nesse sentido, recorre-se à distinção discutida em Mioto e Figueiredo Silva (1995) e sustentada em Mioto (1996) entre as interrogativas “Wh é que...” e “Wh que...”.

1. Fundamentação teórica Mioto (1996) defende que uma construção interrogativa “Wh é que...” é diferente de uma “Wh que...”. Para comprovar tal diferença, ele fornece evidências fonológicas, semântico-pragmáticas e sintáticas. Assim, sentenças como (1a) e (1b) são tomadas como não equivalentes:

- (1) a. O que é que a Maria está fazendo?
b. O que que a Maria está fazendo?

¹ Entende-se foco como a parte não-pressuposta da sentença, independente de ser informação nova ou velha.

² Nas palavras de Quirk et al (1972: 951): “A special construction wich gives both thematic and focal prominence to a particular element of the clause is the cleft sentence, so called because it divides a single clause into two separate sections, each with its own verb.”



No plano fonológico, a presença ou ausência da cópula (um monossílabo tônico) constitui a base para as diferenças nos outros níveis, ou seja, a PF interpreta duas SS distintas. No plano semântico-pragmático, por sua vez, (1a), por ser clivada, é uma pergunta exaustiva e, sobretudo, enfática, enquanto (1b) é uma pergunta ordinária, forma variante mais freqüente no PB de (1c):

c. O que a Maria está fazendo?

Por fim, no plano sintático, (1a) apresenta comportamento divergente de (1b): a primeira possui mais categorias: o verbo inacusativo *ser* subcategoriza como complemento um CP, o qual é marcado por certas propriedades, dentre elas a de ser [+cleft]: [_{CP} O que_i [_{IP} pro [_I é_j [_{VP} [_V t_j [_{CP} t_i [_C que [_{IP} a Maria está fazendo t_i?]]]]]]]]]. Já (1b) apresenta a SS de uma interrogativa comum, como (1c) acima, tendo apenas o núcleo C preenchido – estratégia disponível no PB para atender ao critério Wh proposto por Rizzi (1991)³: [_{CP} O que_i [_C que [_{IP} a Maria está fazendo t_i?]]]]. Tal divergência de comportamento sintático entre as interrogativas com “Wh é que...” e “Wh que...” é demonstrada, ainda, pela impossibilidade de substituição mútua:

³ Critério Wh:

- (i) Um operador Wh tem de estar em configuração Spec-núcleo com um núcleo +Wh.
- (i) Um núcleo +Wh tem de estar em configuração Spec-núcleo com um operador Wh.

O PB desenvolveu a estratégia de preenchimento lexical do núcleo C através do complementizador *que*, evidenciando a relação de concordância Spec/núcleo exigida pelo Critério Wh⁴. Já para o PE, o dito ‘apagamento’ da cópula em (3) resultaria numa sentença agramatical, sendo (4), portanto, impossível nessa língua – o que colabora para um tratamento das sentenças em separado.

Além disso, a impossibilidade de substituição mútua entre as sentenças abaixo ratifica a não opcionalidade do apagamento da cópula:

- (6) a. ??A MARIA é que é que leu *Vidas Secas*.
- b. *A MARIA que que leu *Vidas Secas*.
- c. A MARIA que é que leu *Vidas Secas*.

(6c) seria representada como (3), sendo diferente apenas pela presença do complementizador *que* preenchendo o núcleo C mais alto – opção, conforme vimos, disponível pelo PB.

Um último argumento apresentado, por ora, na defesa de não considerar como clivadas sentenças sem cópula e/ou complementizador reside na distinção entre as exclamativas abaixo, visto que as sentenças em (7) não podem ser derivadas das em (8):

- (7) a. Que saudade (que) eu sinto de ti!
- b. Que livro (que) o João leu!

- (8) a. *Que saudade é que eu sinto de ti!
- b. *Que livro é que o João leu!

A essa altura da discussão, temos condições de examinar a possibilidade de analogia da diferença entre as construções interrogativas “Wh é que...” e “Wh que...”, questionada por Mioto & Figueiredo Silva (1995) e defendida por Mioto (1996), com as declarativas “[foco] é que...” e “[foco] que...” no PB.

Para comprovar tal diferença nas interrogativas, Mioto (1996) fornece evidências fonológicas, semântico-pragmáticas e sintáticas, conforme já exposto. Assim, sentenças como (1a) e (1b), acima, são tomadas como não equivalentes.

Mas, o que dizer das sentenças declarativas em (9)?

- (9) a. A Maria é que leu *Vidas Secas*.
- b. A Maria que leu *Vidas Secas*.

Fonológica e sintaticamente são distintas: a cópula é um monossílabo tônico, resistente a processos de apagamento, e apenas (9a) possui as marcas formais do processo de clivagem (cópula + complementizador), tendo, portanto, as sentenças, SS distintas. Entretanto, a diferença semântico-pragmática constatada em (1) se anula em (9). A questão, então, é saber por que a interpretação se mantém entre as sentenças em (9), ao passo que não se mantém entre as de (1)?

Argumentamos que tanto em (9a) quanto em (9b) o foco (sujeito) encontra-se deslocado para a periferia esquerda da sentença, do que resulta a interpretação necessariamente contrastiva e/ou exaustiva de ambos; ao passo que em (1) temos a oposição entre uma interrogativa clivada (enfática) e uma interrogativa Wh ordinária (forma

⁴ Mioto (1994) explica que, nos casos em que o núcleo C não está preenchido foneticamente, essa relação ocorre através de um processo chamado de *Concordância Dinâmica*, em que o núcleo [+Wh] é criado no processo de derivação; ao se mover, o operador [+Wh] dota o núcleo C do traço [+Wh].

variante mais freqüente no PB de “O que a Maria está fazendo?”), e o movimento do elemento Wh nas interrogativas não provoca nenhum sentido novo à sentença em relação à sua posição *in situ*, o que, conforme vimos, não acontece com o foco.

3. Considerações finais Procuramos defender que uma sentença clivada ‘reduzida’ “[foco] que...”, denominação, então, já inadequada, não deve ser derivada de uma clivada “[foco] é que...” (seja canônica ou invertida), da mesma forma que, conforme sustentado por Mioto (1996), uma interrogativa “Wh é que...” não equivale a uma “Wh que...”. A presença da cópula (diferença fonológica) implica comportamentos sintáticos divergentes para as sentenças. A exceção se faz apenas para as declarativas no que concerne ao plano semântico-pragmático: a interpretação atribuída a essas sentenças com foco deslocado independe da presença ou ausência da cópula – o valor do elemento focalizado é sempre de contraste e/ou exaustividade (visto que houve movimento); ao passo que, nas interrogativas Wh, há diferença na interpretação: somente aquela com a cópula é enfática (clivada), enquanto o movimento da expressão Wh não provoca nenhuma alteração de sentido em relação à sua posição *in situ*.

RESUMO: Nosso objetivo neste artigo é demonstrar que construções sob a forma “[foco] que...” não são derivadas de clivadas “[foco] é que...”, paralelamente à distinção entre o par interrogativo “Wh que...” e “Wh é que...” questionada por Mioto & Figueiredo Silva (1995) e defendida por Mioto (1996).

PALAVRAS-CHAVE: *[foco] é que; [foco] que; Wh é que; Wh que.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KISS, K. É. Identificational focus versus informational focus. *Language*. v.74, n. 2, 1998.
- MIOTO, C. As interrogativas no português brasileiro e o critério Wh. *Letras Hoje*. Porto Alegre. v. 2, n. 29, p. 19-33, 1994.
- _____. Wh é que ≠ Wh que. In: SEMINÁRIO DO GEL, 1994, Taubaté. *Anais...*São Paulo: USP, p. 648-654, 1996.
- _____. *Focus and Clefting*. Paper presented at the Workshop on Formal Linguistics, UFSC, 2006.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Wh que = Wh é que? *D.E.L.T.A.*, v.11, n. 2, p. 301-311, 1995.
- QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH, G. & SVARTVIK, J. *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman, 1972.
- RIZZI, L. Residual V-second and the Wh-criterion. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics*. Université de Genève, v. 3, 1991.